

PASSAPORTE SEM VISTO

De RUBEM BRAGA

B - s/data

Saiu publicado, há pouco tempo, que as autoridades consulares norte-americanas haviam negado o visto no passaporte deste obscuro cronista. Alguns leitores me interrogam sobre o caso, estranhando que eu nunca tenha contado nada a esse respeito.

A coisa é verdadeira. Quando ia para a Europa, tive a idéia de fazer a viagem via New York. Foi então que pedi o visto americano. Pouco depois um amigo de New York me escreveu dizendo que era melhor eu ir direto para a França, porque levaria pelo menos três meses em New York a esperar navio para o Havre. Voltei a passar no consulado americano mais por simples cortezia, pois já não desejava o visto. Foi então, às vésperas de meu embarque para Paris, que eu soube que a resposta do consulado era negativa.

O nosso caro Moses, presidente da A.B.I. ofereceu-me, na ocasião, para interceder junto ao embaixador americano. Mas eu estava de malas prontas - e embarquei sem pensar mais no assunto. Vejo, agora, que a intervenção de Moses não teria, provavelmente, valido de nada. Depois de mim houve pelo menos dois jornalistas brasileiros - Justino Martins e Samuel Wainer - que também não obtiveram o visto norte-americano.

Seria aborrecido para o leitor se eu fosse contar minhas duas conversas com o consul americano no Rio. Devo apenas dar a minha impressão de que esse funcionário nada entende de política nem de jornalismo brasileiro. O interrogatório que me fez foi inepto e confuso; e como, por não compreender uma pergunta, eu respondesse coisa diferente do que ele esperava, ele se mostrou desconfiado e mostrou duvidar de minha boa fé - direito que não lhe dou, nem a nenhum outro salhada.

Meu caso pessoal não tem qualquer importância, e não fui eu que o trouxe a público. Mas a coisa assim é melancólica. Estamos cansados de ouvir os americanos falar na "cortina de ferro" do bloco russo, na "liberdade de imprensa" e inclusive, no "acesso às fontes de informação". É visível agora que as autoridades americanas são a favor dessas coisas nos outros países - nos Estados Unidos não. Acredito que o consul tenha me tomado por comunista. Ora, só por ignorância ou má fé pôde ser acusado de comunista um cidadão que sabidamente pertence, como é o meu caso, ao Partido Socialista - de cuja direção nacional tenho a honra de participar. Mas ponhamos que eu seja comunista: que direito têm as autoridades americanas de exigir a entrada de seus correspondentes nos países em que os comunistas dominam se a um reporter comunista não é permitido ir aos Estados Unidos?

(CONT. 2 \* B \* BRAGA) \*

Posso ser atacado em muitos pontos, mas não em minha integridade profissional. Não sou um "debutante" da reportagem e já tenho feito muitas e algumas de grande responsabilidade. Sempre procurei narrar os fatos com exatidão e dar minhas impressões com franqueza. Não posso, por motivo algum, ser acusado de anti-americanista; como profissional já cooperei duas vezes, e com a maior lealdade, em organizações americano-brasileiras, e isso sem falar de minha atuação como correspondente de guerra, com credencial norte-americana.

Que se exige mais para um jornalista entrar nos Estados Unidos? Apoio integral ao presidente Truman e à política internacional norte-americana? Seria exigir muito de um jornalista que não dá apoio integral a governo algum, e se recusa, no campo internacional, a se meter a reboque de qualquer uma das duas potências que se preparam para a guerra.

Mas o caso tem outros aspectos, que examinaremos amanhã.

RC